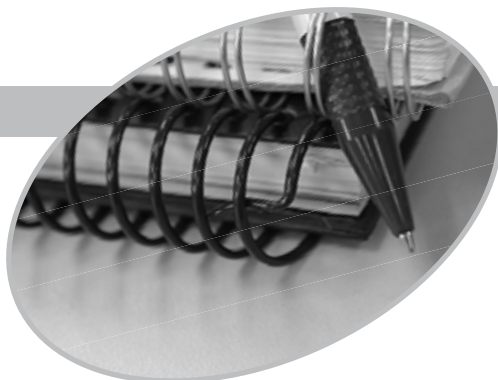


Para ler Vilém Flusser



José Eugenio de O. Menezes

*Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP)
Professor de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero
jeomenezes@facasper.com.br*

Resumo: O texto apresenta as principais idéias desenvolvidas pelo pensador tcheco-brasileiro Vilém Flusser nas suas obras disponíveis no Brasil. Destaca a contribuição de Flusser para a compreensão dos complexos ambientes comunicacionais e das práticas vinculadoras que permitem a organização das sociedades e das culturas. No contexto da contemporaneidade, marcada por processos de comunicação também mediados por computadores e ambientes digitais, mostra a importância da interlocução com Flusser nas pesquisas sobre cultura, imagem, mídia, aparatos da comunicação e o próprio processo da comunicação. **Palavras-chave:** Vilém Flusser, comunicação, cultura, imagens técnicas, teorias da comunicação, mídia.

Para leer Vilém Flusser

Resumen: Este artículo presenta las principales ideas desarrolladas por el pensador checo-brasileño Vilém Flusser en sus obras que están disponibles en Brasil. Destaca la contribución de Flusser para entender los complejos ambientes de la comunicación y las prácticas de interacción que permiten la organización de las sociedades y sus culturas. En el contexto actual, marcado por los procesos de comunicación mediada también por los ordenadores y los entornos digitales, muestra la importancia del diálogo con Flusser en la investigación sobre la cultura, imagen, medios de comunicación, aparatos de comunicación y el propio proceso de la comunicación.

Palabras clave: Vilém Flusser, comunicación, cultura, imágenes, técnicas, teorías de la comunicación, mídia.

To read Vilém Flusser

Abstract: This text presents the main ideas of the books available in Portuguese by Czechoslovakian-Brazilian thinker Vilém Flusser. It highlights Flusser contribution to understanding the complex communicational environments and the bounding practices that allow the organization of societies and cultures. In the context of contemporary world, set by communication processes mediated by computers and digital environments, this study shows interlocution with Flusser in researches about culture, image, media, communication devices and the communication processes themselves. **Key words:** Vilém Flusser, communication, culture, technical images, communication theory, mídia.

Este artigo pretende mostrar o desenvolvimento das contribuições de Vilém Flusser (1920-1991) para a compreensão dos processos mediáticos contemporâneos, ou seja, da chamada cultura dos media ou cultura de redes. O mapa das obras de Flusser disponíveis no Brasil facilita o contato com seus primeiros breves ensaios publicados em jornais brasileiros e depois reunidos em livros. Em seguida, oferece subsídios para a continuidade dos debates a respeito das imagens, dos media, dos processos de comunicação e dos aparatos de comunicação, temas com os quais Flusser trabalhou na fase madura de sua vida.

Entre os diversos caminhos para o acesso a um autor e/ou sua obra destaca-se a leitura de sua autobiografia. O contato com *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*, de Vilém Flusser, permite o acesso ao universo dialógico no qual viveu o filósofo tcheco naturalizado brasileiro que, fugindo da invasão nazista, deixou sua cidade natal – Praga – com a família de sua namorada Edith Barth e viveu no Brasil de 1940 a 1972. No prefácio da edição brasileira Gustavo Bernardo, professor de Teoria Literária da UERJ, traduz a palavra alemã *Bodenlos* como “sem chão” ou “sem fundamento”, lembrando que Flusser

“assume sua condição de eterno migrante, de sujeito desenraizado; tanto de pátrias quanto de quaisquer sistemas” (Bernardo *in* Flusser, 2007:10).

Para Norval Baitello, professor da Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP, Flusser é um dos pensadores que permitem a compreensão dos processos de comunicação em uma ótica culturalista.

O primeiro livro de Flusser, redigido em alemão, não encontrou acolhida de editoras e foi traduzido para o português pelo próprio autor

Flusser reflete em sintonia com uma corrente de estudos marcada por pesquisadores como o historiador da arte Aby Warburg (1886-1929), o jornalista e depois teórico dos média Harry Pross (1923-2010), o filósofo e sociólogo Dietmar Kamper (1936-2001) e o historiador da arte Hans Belting (1935).

● Língua e realidade

A primeira obra de Flusser, publicada em 1963 pela Editora Herder e em 2004 pela Anablume, foi dedicada ao tema da linguagem. *Língua e realidade* está dividido em um prólogo, quatro partes e uma conclusão. As quatro partes praticamente explicitam todo o sentido dos propósitos teóricos do autor: a língua é a realidade; a língua forma a realidade; a língua cria realidade e a língua propaga a realidade.

Na primeira parte o autor enfatiza que pretende investigar como “a *realidade* dos dados brutos é apreendida e compreendida por nós em forma de língua. Essa posição é radical, já que, se for aceita, a realidade *em si* dos dados brutos se torna inacessível e, neste sentido, vazia” (Flusser, 2004: 82). Na argu-

mentação da primeira parte de *A língua é a realidade* o autor mostra que a correspondência entre língua e realidade é inarticulável, que o conhecedor é produto e produtor da língua, que as múltiplas línguas representam diferentes cosmos e que o poliglotismo é um método para se ultrapassar os limites de uma língua e da visão de mundo expressa pela mesma.

Na segunda parte, intitulada *A língua forma realidade*, Flusser lembra que o filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) define a filosofia como “um conjunto de contusões que o intelecto acumulou ao chocar-se contra os limites da língua”. Lembra que Wittgenstein fala em língua “como se existisse uma única, nunca considera a pluralidade das línguas” (2004:85). Em seguida, mostra que “cada língua é o mundo inteiro, e diferente de toda outra língua” (2004:128).

No terceiro capítulo, denominado *A língua cria realidade*, Flusser argumenta que as chamadas *realidade* e conhecimento são “categorias da língua que variam de língua para língua”.

No quarto capítulo, *A língua propaga a realidade*, o autor mostra que a natureza é uma consequência da conversação, lembra que “aquilo que chamamos de fenômenos *naturais*, as pedras, as estrelas, a chuva, as árvores, a fome, são fenômenos reais, porque são conceitos, palavras. As relações entre os fenômenos são reais, porque formam pensamentos, frases” (2004:190).

O autor conclui mostrando que o propósito da obra era incentivar o processo de conversação, que pretende “mergulhar este trabalho no grande rio da conversação para que seja levado pela correnteza da realização até o oceano do indizível” (2004:203).

● A história do diabo

O primeiro livro de Flusser, com o título *A História do Diabo*, foi escrito antes de *Língua e Realidade*, mas publicado apenas em 1965. *A História do Diabo*, redigido em alemão entre 1956 e 1957, não encontrou acolhida de editoras alemãs e foi traduzido

para o português pelo próprio autor. Publicado pela Livraria Martins Fontes (1965) e depois pela Annablume (2005), a obra parodia textos bíblicos e aborda temas recorrentes no imaginário ocidental: luxúria, ira, gula, inveja, avareza, soberba, a preguiça e a tristeza do coração.

Em uma resenha publicada na revista *Communicare*, Mônica Maria Martins de Souza, doutora em Comunicação e Semiótica e professora da Faculdade Anchieta, destaca que “Flusser considera que escrever sobre o diabo é embrenhar-se em confusão ética, portanto, pecar, mas não escrever é tornar-se autoconsciente disso. Refletir a respeito é deparar-se com a dúvida, a essência do homem. Viver é lançar-se ao inferno, tão ou mais prazeroso que os céus” (2004:174). Mônica Martins de Souza lembra que:

Através de cenários, de imagens e da discussão a respeito das imagens, Flusser oferece uma grande contribuição à teoria da mídia, tratada a partir da concepção das relações espaciais, a partir da criação de vínculos. Lembra do mito do início e do tempo como dimensão do espaço. No início, o Senhor deu a corda, de onde se desenrolaram o céu e a terra. Quando ela desenrolasse inteiramente, o início estaria findo. Sendo isso obscuro, e na obscuridade, o significado se esconde e se revela, criaram-se céu e terra, espaço e tempo. Então, Deus arrancou um pedaço do ser em si e o mergulhou na correnteza do tempo. A identidade entre o tempo e o diabo torna-se, então, o princípio do progresso, transformação da realidade em irrealidade (Martins, 2004:174).

Ao comentar esta obra de Flusser, no artigo *Os elementos pós-modernos na obra brasileira de Vilém Flusser*, a pesquisadora tcheca Eva Batlickova mostra que o autor “logicamente, mas de maneira incomum, liga Deus com tudo que se encontra fora do tempo e com tudo que é individual”. Por outro lado, mostra que “o Diabo desempenha o papel do construtor da história, porque, em contraste com Deus, passou a existir a partir de um determinado momento e assim tem uma história” (Batlickova, 2004).

Dentre os temas de *A História do Diabo* encontra-se um questionamento ao nacionalismo. “O nacionalismo é uma máscara romântica da luxúria que conseguiu enganar a inibição e penetrou, assim disfarçada, a superfície dos acontecimentos”. E o autor ainda acrescenta que o nacionalismo é uma das vitórias mais impressionantes do diabo pelo fato de ter “todas as características diabólicas em grau elevado” (2005:85).

No livro destaca-se também a diferença cara ao autor entre conversação e conversa fiada, quando lembra que “as palavras, que na conversação autêntica são conceitos, transformam-se, na conversa fiada, em preconceitos” (2005:153).

● Da Religiosidade

Publicado originalmente pela Imprensa Oficial para a Comissão Estadual de Cultura do Estado de São, em 1967, a última edição de *Da Religiosidade* recebeu um acréscimo em seu título na publicação da Editora Escrituras (2002): *Da Religiosidade. A literatura e o senso de realidade*.

Da Religiosidade reúne dezessete ensaios. Onze deles publicados no *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*, bem como outros textos publicados na *Revista Brasileira de Filosofia*, na *Revista do Instituto Tecnológico da Aeronáutica*, na *Revista Comentário*, na *Diálogo* e também um artigo publicado na *Revista Brasileira de Cultura*, editada em Madrid.

A literatura, para Flusser, é “o lugar no qual se articula o senso de realidade. E senso de realidade é, sob certos aspectos, sinônimo de religiosidade” (Flusser, 2002:13). O autor, depois de observar que “senso de realidade” é sinônimo de “religiosidade”, acrescenta:

Real é aquilo no qual acreditamos. Durante a época pré-cristã o real era a natureza, e as religiões pré-cristãs acreditam nas forças da natureza que divinizam. Durante a Idade Média o real era o transcendente, que é o Deus do cristianismo. Mas a partir do século XV o real se problematiza. A natureza é posta em dúvida, perde-se a fé

no transcendente. Com efeito, nossa situação é caracterizada pela sensação do irreal e pela procura de um senso novo de realidade. Portanto, pela procura de uma nova religiosidade. Esse o tema dos ensaios escolhidos (Flusser, 2002:13).

Neste livro destaca-se um artigo denominado *O Funcionário*, no qual aborda o tema da liberdade, considerando que aqueles que trabalham com aparelhos, os funcionários, agem em função dos aparelhos e não podem escolher. Este tema fundamental, depois desenvolvido por Flusser em *A Filosofia da Caixa Preta*, continua instigando as pesquisas a respeito da liberdade no contexto das redes de computadores.

● Natural:mente

Publicado em 1979 pela Livraria Duas Cidades, o livro *Natural:mente: vários acessos ao significado da natureza* reúne um conjunto de ensaios que Flusser escreveu para diversas revistas brasileiras, americanas, alemãs, francesas e especialmente para o *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*. Os ensaios, redigidos a partir da observação de paisagens européias e publicados pela primeira vez em Paris, apresentam títulos em forma de “guia turístico”: caminhos, vales, pássaros, chuva, o cedro no parque, vacas, grama, dedos, a lua, montanhas, a falsa primavera, prados, ventos, maravilhas, botões, neblina e natural:mente.

No último ensaio de *Natural:mente* o autor indica que a mesma pretende “ilustrar como a cultura, longe de libertar o homem da determinação pelas forças da natureza, se constitui em condição determinadora. Portanto, em ‘segunda natureza’” (1979:137).

Na medida em que os ensaios mostram a vacuidade do termo *natureza*, o autor indica que na verdade escreveu um livro a respeito de filosofia da ciência, da história da ciência ou a respeito de questões epistemológicas. Flusser mostra que a crise da ciência exige uma reformulação radical tanto dos métodos quanto do interesse da mesma pelas coi-

sas. Gustavo Bernardo, ao comentar o livro *Natural:mente*, afirma que o autor propõe a suspensão das principais crenças. De acordo com Bernardo:

A proposta se explicita desde o título ambíguo do seu livro de contos/ensaios, *Natural:mente*. Fala-se ‘naturalmente’, uma palavra só. Mas o ‘natural’, propriamente dito, ‘mente’; é desta constatação que emerge a obra de Flusser. É possível projetar um mapa e consultá-lo para se orientar na paisagem – ou consultar a paisagem para se orientar no mapa. Todavia, quando se trata de tomar decisões, mapas não servem: ‘Decisões autênticas são absurdas’ (Bernardo, 2002:89).

No final da obra Flusser justifica o fato de publicar um volume sobre as paisagens européias no contexto da literatura brasileira. Lembra que o livro “foi escrito por quem viveu a maior parte de sua vida no Brasil e voltou para a Europa natal com mente e sensibilidade fortemente abasileiradas” (1979: 47).

● Pós-História

O livro *Pós-História. Vinte instantâneos e um modo de usar* foi publicado em 1983 pela Editora Duas Cidades. O livro está organizado em pequenos textos que podem ser lidos em qualquer ordem. O sumário indica um panorama dos temas abordados: modos de usar, o chão que pisamos, nosso céu, nosso programa, nosso trabalho, nosso saber, nossa saúde, nossa comunicação, nosso ritmo, nossa morada, nosso encolhimento, nossa roupa, nossas imagens, nosso jogo, nosso divertimento, nossa espera, nosso receio, nossa embriaguez, nossa escola, nosso relacionamento e, por fim, retorno.

Os leitores devem ter o cuidado de não confundir o título do livro *Pós-História* com os estudos a respeito da *pós-modernidade* na perspectiva da obra *La Condition Postmoderne* de Jean-François Lyotard. Pós-história “é um conceito irônico, em contraposição à seriedade patética que cerca o chamado pós-moderno” (Bernardo, 2002:127).

No início da obra, ao apresentar os *Modos de usar*, Flusser explica que o texto não pretende orientar ou instruir o leitor. “O que precisamente não quer é ser consumido. Por isto este ‘modo de usar’ se quer rejeitado depois de lido. O que se pretende é que o leitor faça uso deste texto da maneira que bem entender. Mas que o transforme, preferivelmente, em parte dos diálogos dos quais o leitor participa” (Flusser, 1983:8).

No texto *O chão que pisamos*, o autor mostra que o programa da cultura ocidental contém várias virtualidades, não apenas aparelhos que aniquilam seus funcionários e seus programadores.

Numerosas virtualidades ainda não foram realizadas. Em tal sentido a ‘história do Ocidente’ ainda não acabou, o jogo ocidental continua. [...] O que nos resta é analisarmos o evento Auschwitz em todos os detalhes, para descobriremos o projeto fundamental que lá se realizou pela primeira vez, para podermos nutrir a esperança de nos projetarmos fora do projeto. Fora da história do Ocidente. Tal o clima ‘pós-histórico’ no qual somos chamados a viver doravante (1983:15).

Na avaliação de Gustavo Bernardo (2002:187), foi a história das imagens técnicas que conduziu Vilém Flusser ao conceito de pós-história. Tal concepção de imagens técnicas foi abordada no livro *Filosofia da Caixa Preta*, quando em um pequeno glossário Flusser distingue a pré-história ou “domínio de idéias, ausência de conceitos; ou domínio de imagens, ausência de textos”, a história como “tradução linearmente progressiva de idéias em conceitos, ou de imagens em textos” e, finalmente, a pós-história como “processo circular que retraduz textos em imagens” (2002:77).

O livro *Pós-História* apresenta conceitos-chave para a pesquisa a respeito das redes e dos hiperlinks que marcam a comunicação e a incomunicação na contemporaneidade.

Filosofia da Caixa Preta

A obra hoje traduzida em quinze países foi publicada originalmente como *Für eine*

Philosophie der Fotografie (Göttingen: European Photography, 1983). No Brasil, a versão traduzida pelo próprio autor foi publicada como *Filosofia da Caixa Preta* (1985). A última edição brasileira, pela Editora Relume Dumará, apresenta o título *Filosofia da Caixa Preta: Ensaios para uma futura filosofia da fotografia* (2002).



O autor mostra que a crise da ciência exige uma reformulação radical tanto dos métodos quanto do interesse da mesma pelas coisas

O livro mais conhecido de Flusser apresenta um sumário com os seguintes capítulos: a imagem, a imagem técnica, o aparelho, o gesto de fotografar, a fotografia, a distribuição da fotografia, a recepção da fotografia, o universo fotográfico, a necessidade de uma filosofia da fotografia e, finalmente, glossário para uma futura filosofia da fotografia.

Apesar de *Filosofia da Caixa Preta* ter, no Brasil, o subtítulo *Ensaios para uma futura filosofia da fotografia*, a palavra ‘fotografia’ deve ser lida como metonímia, isto é, como uma palavra para designar o universo de imagens mediadas por tecnologias. O autor usa a palavra fotografia como pretexto para compreender o funcionamento das sociedades pós-históricas que trabalham menos com textos e mais com imagens. Na avaliação de Arlindo Machado (2001), professor da USP e da PUC de São Paulo, Flusser estuda a fotografia como modelo para analisar a sociedade das imagens técnicas.

O livro mostra, ainda segundo Machado, que os fotógrafos atuam dentro de duas possibilidades: usar a máquina como um simples funcionário que não conhece os programas do aparelho (caixa preta) ou em uma pers-

pectiva artística que insurge contra o programa e resgata artisticamente a liberdade.

Ao tratar as imagens como “superfícies que pretendem representar algo” (2002:7), o autor está se referindo à subtração de algo, isto é, mostra que a imagem é a principal ferramenta da desmaterialização das coisas e dos corpos. Flusser ainda mostrará, na continuação de suas obras, a diferença entre imagens tradicionais (bidimensionais) e as imagens técnicas (nulodimensionais).

Flusser usa a palavra fotografia como pretexto para compreender o funcionamento das sociedades que trabalham mais com imagens do que com textos



Gustavo Bernardo, para decifrar a noção do “funcionário” que utiliza aparelhos já montados e programados, faz uma relação entre a filósofa alemã Hannah Arendt (1906-1975) e Vilém Flusser.

Hannah Arendt, ao estudar a banalidade do mal, se perguntou como gente insignificante foi transformada pelo aparelho nazista em funcionários poderosos. Flusser tentou olhar o outro lado do problema: gente responsável e culta sendo transformada em funcionários insignificantes que promovem, sem o perceber, males gigantescos, adequados aos aparelhos agigantados que os empregam (Bernardo, 2002:176).

O último capítulo de *Filosofia da Caixa Preta*, intitulado *Glossário para uma futura filosofia da fotografia*, apresenta termos como: aparelho: “brinquedo que simula um tipo de pensamento”, fotógrafo: “pessoa que procura inserir na imagem informações não previstas pelo aparelho fotográfico”, funcionário: “pessoa que brinca com aparelho e age em função dele” e imagem: “superfície

significativa na qual as idéias se interrelacionam magicamente”.

Os gestos

Em 1991 o autor publicou *Gesten. Versuch einer Phänomenologie* pela editora alemã Bollmann Verlag. A obra, inédita em português, foi traduzida para o espanhol pela Editora Herder em 1994 como *Los Gestos. Fenomenología y Comunicación*.

É interessante observar que esta obra encerra toda uma pesquisa sobre a observação aberta, minuciosa e compreensiva dos gestos mais simples em pleno momento do desenvolvimento da telemática. Assim, *Los Gestos*, é uma obra madura que revela que todo caminho percorrido pelo autor foi marcado por uma postura filosófica com metodologia fenomenológica.

No capítulo *O gesto de escrever*¹ encontra-se um exemplo dessa perspectiva fenomenológica pela qual o pensador deixa-se tocar, abre-se para observar um gesto, descreve-o com uma sensibilidade impar:

Para podermos escrever necessitamos – entre outras coisas – dos seguintes fatores: uma superfície (a folha de papel), um instrumento (uma caneta, esferográfica), uns signos (letras), uma convenção (o significado das letras), umas regras (a ortografia), um sistema (a gramática), um sistema marcado pelo sistema da língua (um conhecimento semântico da língua em questão), uma mensagem para escrever (as idéias) e a escrita. A complexidade não está tanto na pluralidade dos fatores indispensáveis quanto na sua heterogeneidade (Flusser, 1991:32).

Assim, para o autor, “os gestos são movimentos do corpo que expressam uma intenção” (1991:14). Uma Teoria dos Gestos seria a “disciplina interpretativa (semiológica) das manifestações fenomenais da liberdade”, definiu o autor em uma carta a Celso Lafer, professor de filosofia do direito da USP, em 1975 (Lafer in Flusser, 1999:15).

¹ Citação traduzida do espanhol por Maria Helena Charro.

A obra, ainda inédita em língua portuguesa, está organizada, na edição espanhola, em 18 capítulos: gesto y acordamiento, más allá de las máquinas, el gesto de escribir, el gesto de hablar, el gesto de hacer, el gesto de amar, el gesto de destruir, gesto de pintar, el gesto de fotografar, el gesto de filmar, el gesto de darle la vuelta a la máscara, el gesto de plantar, el gesto de afeitar, el gesto de oír música, el gesto de fumar em pipa, el gesto de telefonar, el gesto del vídeo e el gesto de buscar.

Dos gestos descritos por Flusser nasce a necessidade de se aprofundar os processos de percepção a partir, por exemplo, de trabalhos como *Fenomenologia da Percepção* de Maurice Merleau-Ponty.

Fenomenologia do brasileiro

Publicada na Alemanha pela editora Bollmann Verlag em 1994 e no Brasil em 1998, pela Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a obra reflete a respeito do Brasil dos “anos 70 para ‘trás’”. Em alemão o título completo da obra é *Brasilien oder die Suche nach dem neuen Menschen: Für eine Phänomenologie der Unterentwicklung*. Na tradução brasileira realizada pelo próprio Flusser o título é *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem*.

O autor propõe que o novo homem seja um *homo ludens* consciente de que joga e de que jogam com ele. Neste contexto, descreve três estratégias de jogo. A estratégia um é a dos que, como os estadunidenses, jogam para vencer, mesmo arriscando a derrota. A estratégia dois é o jogo dos excluídos que jogam para não perder, buscando reduzir os riscos tanto da derrota como da vitória. Já a estratégia três é o jogo dos que jogam para mudar o jogo, atuam com certo distanciamento, como fazem os cientistas. O termo *Homo Ludens* integra o título de um livro do historiador medievalista Johan Huizinga: *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura* (1990).

O livro *Fenomenologia do brasileiro: em busca de um novo homem* está organizado de forma a abordar vários cenários da vida

brasileira: em busca de um novo homem, imigração, natureza, defasagem, alienação, miséria, cultura, língua e, finalmente, diagnóstico e prognóstico.

Na avaliação de Maria Helena Varela, da Universidade de Évora (Portugal), “Flusser não se questiona sobre o que é o Brasil, mas sobre o que pode ser o brasileiro, sobre a posse de sua ontologia poi-ética, num processo que começou ao nível lingüístico, e, por isso mesmo, é autêntico, não deliberado”. A pesquisadora enfatiza:

Não há qualquer atitude messiânica do filósofo tcheco em relação ao Brasil. O Brasil é apenas um dos vários lugares (não de muitos) em que surgem sintomas que tornam possível uma esperança. Dialogar com ele, sentir a experiência afetiva de outra língua no colorido metafísico do português brasileiro, na versatilidade tátil de seu significante politicamente incorreto, em ressonância com a oração do coração e a noite do sensível, seduz o seu [Flusser] espírito fenomenológico, no claro-escuro de uma cumplicidade que insere mas não integra (Varela, 2001:444).

Na obra encontram-se afirmações curiosas como, por exemplo: “O brasileiro é homem do palpite genial, e não do planejamento” (1998:53). Na verdade, Flusser manifesta como o Brasil se apresenta ao imigrante intelectual no último terço do século XX:

um ambiente que não lhe opõe obstáculo digno de nota, nem incentivo para engajar-se nele. Se quiser viver nesse ambiente como homem livre, deve abrir sua própria picada. Homem livre significa homem que vê sua própria situação de fora, projeta um mapa sobre ela e age de acordo, que dá sentido ao seu ambiente, vive de acordo com este sentido, e assim o transforma num mundo da sua vida. E, para que este sentido dado não seja mera fantasia, procura desvendar a realidade da situação em que vive. Portanto: pronto a alterar-se, a fim de alterar o mundo” (Flusser, 1998:56).

Uma importante revelação dos motivos pelos quais Flusser se interessava pelos fenômenos da comunicação humana está presen-

te neste livro. O autor explicita que reflete sobre os abismos que separam os homens e as pontes que atravessam tais abismos, porque flutua, ele próprio, por cima deles.

Ficções Filosóficas

Publicado em 1998 pela Edusp, o livro *Ficções Filosóficas* reúne 35 artigos, a introdução da advogada Maria Lília Leão e a apresentação de Milton Vargas, professor da USP. O livro reúne artigos publicados em periódicos brasileiros, cinco traduções de ensaios publicados na Europa e um texto inédito com o título *Pontificar*.

Em uma carta dirigida a Maria Lília Leão, que introduz o livro com o texto *Flusser e a liberdade de pensar*, Vilém Flusser comenta o título do livro.

Quanto ao título ‘ficção filosófica’: há muito tempo estou com a idéia de que o tratado filosófico (texto alfanumérico sobre) não mais se adequa à situação da cultura; de que os filósofos acadêmicos são gente morta, e que a verdadeira filosofia atual é feita por gente como Fellini, os criadores de clips, ou os que sintetizam imagens. Mas como eu próprio sou prisioneiro do alfabeto, e como sou preso da vertigem filosófica, devo contentar-me em fazer textos que sejam pré-textos para imagens. A maneira de fazê-lo é escrever fábulas, por que o fabuloso é o limite do imaginável. Escrevi e publiquei uma fábula animal, *Vampyrotheutis Infernalis*, sobre a qual Abraham Moles escreveu que inicia método filosófico futuro, e meus ensaios não aparentemente fabulosos, na realidade se querem ficcionais (Flusser *apud* Leão *in* Bernardo e Mendes, 2000:18).

Para o leitor brasileiro fica a curiosidade pelo *Vampyrotheutis Infernalis* (Flusser; Bec, 1987), citado na carta acima. Trata-se de um monstro criado em colaboração com o ‘biólogo-fantasia’ francês Louis Bec, descrito sobre forma ‘fantasiosamente científica’, que vive isolado nas profundidades oceânicas.

Ainda em *Ficções Filosóficas*, destaca-se o ensaio *Hearing Aids*, no qual o autor faz uma importante reflexão sobre a relação entre o

ouvido e a política; mostra que o ouvido é muito mais político que a vista, que o silêncio é o maior dos luxos, que o engajamento político é um engajamento “em barulho”. Com suas palavras, com a política “[...] pretende-se harmonizar o barulho. Em alemão ‘voto’ é ‘voz’ (stimme). Trata-se de harmonizar as esferas. Fazer do barulho concerto (não consenso) (Flusser, 1998:62).

Na mesma coletânea destaca-se também um instigante texto a respeito da canção *Deixa Isso Pra Lá*, composta por Edson Menezes e Alberto Paz, e interpretada por Jair Rodrigues: “Deixa que falem, que digam, que pensem; deixe isto pra lá. Eu não estou fazendo nada, você também. Faz mal bater um papo assim gostoso com alguém? Vem pra cá, o que é que tem?”. Com o texto intitulado *Deixe isto pra lá*, Flusser analisa a consciência coletiva indicando que a canção revela uma desilusão total com os valores da sociedade, “o abandono desses valores e sua substituição pela inautenticidade do bate-papo” (Flusser, 1998:77-82).

Bodenlos: uma autobiografia filosófica

A obra foi publicada na Alemanha logo após a morte do autor, reunindo textos escritos após sua volta para a Europa, em 1972. No prefácio da edição brasileira (2007), intitulado *A Gente de Flusser*, Bernardo explica a preferência do autor pela expressão “a gente no lugar da primeira pessoa do singular, eu, ou do plural de modéstia, nós”, bem como o próprio sobrenome do autor que sugere o fluir de um rio (*Fluss*, em alemão).

A obra está organizada em quatro seções: monólogo, diálogo, discurso e reflexões. Na seção *Monólogo* encontramos oito temas: atestado de falta de fundamento, Praga entre as guerras, a invasão nazista, a Inglaterra sitiada, a guerra em São Paulo, o jogo do suicídio e do Oriente, a natureza brasileira e a língua brasileira. Na seção *Diálogo* apresenta as conversações com Alex Bloch, Milton Vargas, Vicente Ferreira da Silva, Samson Flexor, João Guimarães Rosa, Haroldo de Campos,

Dora Ferreira da Silva, José Bueno, Romy Fink, Miguel Reale e Mira Schendel. Na seção *Discurso* apresenta sua leitura da Teoria da Comunicação e da Filosofia da Ciência. Por fim, a seção *Reflexões*, explica o que significa habitar a casa na apatridade.

Através do relato dos diálogos com 11 interlocutores, 7 brasileiros e 4 imigrantes (o tcheco Alex Bloch, o artista plástico romeno Samson Flexor, o inglês Romy Fink e a artista plástica suíça Mira Schendel), Flusser mostra que toda construção de sua vida e de sua produção aconteceu na conversação com interlocutores. Pessoas que também buscavam a compreensão do mundo e a justificativa para continuar a viver e a manter um engajamento na contemporaneidade.

A Dúvida

O prefácio de Celso Lafer para *A Dúvida* (1999) é um texto revelador do percurso filosófico de Flusser, das relações com os interlocutores, das idéias e livros que devorou antropofagicamente, à maneira de Oswald de Andrade. Assim, mostra que o positivismo lógico, com seu formalismo, era insuficiente para dar conta das inquietações filosóficas de Flusser. Observemos, por exemplo, o seguinte excerto:

No trato teórico da língua em *A Dúvida*, estão presentes tanto Carnap e Wittgenstein quanto Heidegger e Sartre. Em Flusser, esta confluência se radica na razão vital, que é, à maneira de Ortega y Gasset, que ele conhecia bem, uma razão de vida na dupla acepção de orientar nossa vida no mundo e orientar-nos no entendimento do mundo através de nossa vida” (Lafer in Flusser, 1999:8).

O livro, uma versão ampliada e trabalhada de um artigo chamado *Da Dúvida*, publicado em *Da Religiosidade* (1967), apresenta os seguintes capítulos: introdução, do intelecto, da frase, do nome, da proximidade, e do sacrifício. Pode-se dizer que a dúvida é o mais espinhoso tema de Flusser, apresentado logo no início deste livro:

A dúvida é um estado de espírito polivalente. Pode significar o fim de uma fé, ou pode significar o começo de outra. Pode ainda, se levada ao extremo, ser vista como ‘ceticismo’, isto é, como uma espécie de fé invertida. Em dose moderada estimula o pensamento. Em dose excessiva paralisa toda atividade mental. [...] A dúvida, aliada à curiosidade, é o berço da pesquisa, portanto de todo conhecimento sistemático (Flusser, 1999:17).

Los Gestos é uma obra madura que revela que todo caminho percorrido pelo autor foi marcado por uma postura filosófica com metodologia fenomenológica

A perspectiva da dúvida é um importante componente do pensamento de Flusser. Ele tinha a consciência de fazer parte da primeira ou segunda geração daqueles para os quais a dúvida da dúvida” não é mais um passatempo teórico, mas uma situação existencial” (Flusser, 1999:19).

O mundo codificado

Publicado pela Cosac Naif em 2007, o livro reúne um conjunto de artigos sobre comunicação e design. O organizador, Rafael Cardoso, reuniu nesta coletânea alguns textos traduzidos por Raquel Abi-Sâmara a partir da obra alemã *Vilém Flusser: Vom Stande der Dinge* (Gottingen: Seidl Verlag, 1993 e 1997), outros textos traduzidos da coletânea *Vilém Flusser: Dinge und Undinge: Phänomenologische Skizzen* (Munique/Viena: Carl Hanser Verlag, 1993) e outros traduzidos do alemão a partir de originais datilografados fornecidos pelo Vilém Flusser Archiv. A coletânea, além da introdução de Rafael Cardoso, que chega a apresentar Flusser como um dos maiores pensadores

do século XX, conta com três grandes seções: coisas, códigos e construções.

Trata-se de uma obra fundamental para compreender o que pode ser chamado de “período europeu” da vida do autor, pois também reúne textos escritos entre 1973, um ano após o retorno para a Europa, e 1991, ano da sua morte (Menezes, 2009). Este período é marcado pelo reconhecimen-

Nas investigações sobre os novos ambientes comunicacionais, sobre cultura, media e imagem, Flusser é um interlocutor necessário

to internacional e pelas inúmeras palestras que proferiu em diferentes países onde era convidado como “filósofo dos novos *media*” (Bernardo in Flusser, 2007: 9). Dentre os textos de *O mundo codificado*, destaca-se *O que é comunicação*, onde distingue comunicação *dialógica* e comunicação *discursiva*:

Para produzir informação, os homens trocam diferentes informações disponíveis na esperança de sintetizar uma nova informação. Essa é a forma de comunicação *dialógica*. Para preservar, manter a informação, os homens compartilham informações existentes na esperança de que elas, assim compartilhadas, possam resistir melhor ao efeito entrópico da natureza. Essa é a forma de comunicação *discursiva* (Flusser, 2007:97).

O filósofo mostra a importante diferença entre participar de um discurso e participar de um diálogo, considerando especialmente que um dos desafios da contemporaneidade é justamente a “dificuldade de produzir diálogos efetivos, isto é, de trocar informações com o objetivo de adquirir novas informações” (2007:98).

O universo das imagens técnicas. Elogio da superficialidade

O Elogio da Superficialidade era o título do original datilografado em português, publicado no Brasil em 2008 como *O Universo das Imagens Técnicas – Elogio da Superficialidade*. Composto de 16 capítulos, sendo 15 deles com os títulos expresso através de verbos: abstrair, concretizar, tatear, imaginar, apontar, circular, dispersar, programar, dialogar, brincar, criar, preparar, decidir, dominar, encolher e o último intitulado música de câmera. O autor recomenda, no final da obra, que “este último capítulo pode ser lido como primeiro”. Em síntese, a imagem técnica ou tecno-imagem, produzida por aparelhos, é a imagem pós-escrita, feita de pontos, grânulos e pixels, não mais de planos ou superfícies.

Neste livro Flusser percorre a história das transformações dos meios de comunicação e elabora o conceito de escalada da abstração, a subtração progressiva das dimensões dos objetos. O conceito é fundamental para a o entendimento das relações entre comunicação tridimensional (o corpo e sua gestualidade), comunicação bidimensional (a imagem), comunicação unidimensional (a escrita, o traço, a linha...) e comunicação nulodimensional (pontos ou números do universo digital, as imagens técnicas). Detalhes a respeito desta questão foram desenvolvidos por Baitello (2003, 2005 e 2010) e Menezes (2008 e 2009).

O estudo é uma importante contribuição para leitura da cultura dos media ou cultura de redes. O *Elogio da Superficialidade* antecede e prepara o conjunto de ensaios depois reunidos no livro *Medienkultur* (Cultura dos Media), publicado na Alemanha em 1997 e ainda inédito em língua portuguesa.

A Escrita. Há futuro para a escrita?

O livro foi redigido entre 1987 e 1989, dois anos antes do autor sofrer um acidente automobilístico e falecer em Praga, em 21 de

dezembro de 1991. Em *A alquimia da escrita: a passagem obrigatória das coisas para as não-coisas*, a apresentação da edição brasileira do livro *A Escrita. Há futuro para a escrita?* (2010), Norval Baitello mostra que a obra é peça-chave para compreensão do pensamento de Flusser.

[...] Como se trata do artifício que transformou a cabeça dos seus criadores e lhes abriu as perspectivas para um novo pensamento, abstrato e de horizontes impensados, a escrita é fundamental passo para se compreender o novo universo abstrato e imaterial dos avanços tecnológicos, sobre os quais Flusser tanto profetizou (Baitello *in* Flusser, 2010:19).

No sumário da obra percebe-se a perspectiva metodológica de busca das camadas mais profundas utilizada pelo autor, tal como fazem os pesquisadores das ciências arqueológicas. Após a introdução, o sumário indica os seguintes capítulos: metaescrita, inscrições, sobreinscrições, letras, textos, tipografia, a língua falada, poesia, modos de leitura, decifrações, livros, cartas, jornais, papelarias, escrivatinhas, roteiros, (códigos) digitais, transcodificar, subscrita e posfácio.

Ao comentar o fato que o livro teria uma segunda edição Flusser escreveu um posfácio no qual convida os leitores a refletir de maneira dialógica a respeito do ensaio, considerando que este estilo de texto não tem o objetivo de comprovar algo. “Um ensaio é uma tentativa de incitar os outros a refletirem, de levá-los a escrever complementos” (2010:177).

Considerações finais

Os leitores brasileiros recentemente foram brindados com obras que mostram a importância de Flusser: *A serpente, a maçã e o holograma. Esboços para uma Teoria da Mídia*, de Norval Baitello Jr. (2010), *Vilém Flusser: uma introdução*, de Gustavo Bernardo, Anke Finger e Rainer Guldin (2008) e *A época brasileira de Vilém Flusser* de Eva Batlickova (2010).

Ciente que qualquer articulação de tantos ensaios não capta o cenário do pensamento do autor, recordo uma entrevista que realizei, em 29 de julho de 2004, com Suzana Maria de Carmargo Ribeiro, ex-aluna de Flusser. De acordo com Suzana Ribeiro, que concluiu o curso de Comunicação com Habilitação Polivalente em 1971, na Faculdade de Humanidades e Comunicações da FAAP, o professor Flusser orientava seus alunos para três formas de aproximação na leitura de um texto: “Primeiro a leitura e absorção pela intuição e emoção, que são muito minhas amigas. Segundo, pelo distanciamento e finalmente pela busca da estrutura do texto”. Assim, convido o leitor a deixar este mapa introdutório e continuar ou começar a ler Flusser com muita calma, seguindo as três orientações que ele mesmo compartilhava com seus alunos ou interlocutores.

Nas investigações sobre os novos ambientes comunicacionais que marcam as práticas vinculadoras que permitem a organização das sociedades e das culturas, nas pesquisas sobre cultura, imagem, mídia, aparatos da comunicação e o próprio processo da comunicação, Flusser é um interlocutor necessário.

Referências

- BAITELLO Jr., N. **Publicidade e imagem**: a visão e seus excessos. In: CONTRERA, Malena; HATTORI, Osvaldo (Orgs.) *Publicidade e Cia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- _____. Vilém Flusser e a Terceira Catástrofe do Homem ou as Dores do Espaço, a Fotografia e o Vento. In: KONDO, K.; SUGA, K. (Orgs.) *How to talk to photography*. Tokyo: Kokushokankokai, 2005. Disponível em: www.flusserstudies.net. Acesso em: 10 jan. 2010.
- _____. **A Era da Iconofagia**. Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Hacker, 2005.
- _____. **A serpente, a maçã e o holograma**. Esboços para uma Teoria da Mídia. São Paulo: Paulus, 2010.
- BATLICKOVA, E. **Os elementos pós-modernos na obra brasileira de Vilém Flusser**. Revista *Ghrebh-*, 2004. Disponível em: www.revista.cisc.org.br. Acesso em: 5 fev. 2010.
- _____. **A época brasileira de Vilém Flusser**. São Paulo: Annablume, 2010.
- BERNARDO, G.; MENDES, R. (Org.). **Vilém Flusser no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- _____. **A Dúvida de Flusser**: Filosofia e Literatura. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2002.
- _____; FINGER, A.; GULDIN, R. **Vilém Flusser**: uma introdução. São Paulo: Annablume, 2008.
- CHARRO, M. **Gestos: fenomenologia dos corpos**. São Paulo: Cáspser Libero, 2007.
- FLUSSER, V. **Língua e realidade**. São Paulo: Herder, 1963. São Paulo: Annablume, 2004.
- _____. **A história do diabo**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965. São Paulo: Annablume, 2005.
- _____. **Da religiosidade**. São Paulo: Comissão Estadual de Cultura, 1967.
- _____. **La force du quotidien**. Tours: Mame, 1973.
- _____. **Naturalmente**: vários acessos ao significado da natureza. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- _____. **Pós-História**. Vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- _____; BEC, L. **Vampyrotheutis Infernalis**. Göttingen: Immatriz Publications, 1987.
- _____. **Los gestos**: fenomenología y comunicación. Barcelona: Herder, 1994.
- _____. **Kommunikologie**. Mannheim: Bollman, 1996.
- _____. **Medienkultur**. Frankfurt/Main: Fischer, 1997.
- _____. **Ficções Filosóficas**. São Paulo: Edusp, 1998.
- _____. **Fenomenologia do brasileiro**: em busca de um novo homem. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- _____. **A Dúvida**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- _____. **Filosofia da Caixa Preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- _____. **Da religiosidade**. A literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.
- _____. **Bodenlos**: uma autobiografia filosófica. São Paulo: Annablume, 2007.
- _____. **O mundo codificado**. Org. Rafael Cardoso. São Paulo: Cosac Naif, 2007.
- _____. **O universo das imagens técnicas**. Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- _____. **A escrita**. Há futuro para a escrita? São Paulo: Annablume, 2010.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura [1938]. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- MACHADO, A. Repensando Flusser e as imagens técnicas. In: **O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.
- MARCONDES FILHO, C. A comunicação como caixa preta. Propostas e insuficiências de Vilém Flusser. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 12, n.2, p. 423-456, 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/136>>. Acesso em: 10 fev. 2010.
- MENDES, R. Flusser: cronologia certificada. In: MENDES, R. **Vilém Flusser**: uma história do diabo. Dissertação de Mestrado. São Paulo: ECA-USP, 2001. Disponível em: < <http://www.foto-plus.com/download/vfcronologia.doc> >. Acesso em: 10 fev. 2010.
- MENEZES, J. Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade. **Libero**. Ano XI, n. 21, p. 111-119, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/5403> >. Acesso em: 15 fev. 2010.
- _____. Comunicação, espaço e tempo. Vilém Flusser e os processos de vinculação. **Comunicação, Mídia e Consumo**. Vol. 6, n.15, p.165-182, 2009. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/186/161>. Acesso em: 10 fev. 2010.
- _____; MARTINEZ, M. As narrativas da contemporaneidade a partir da relação entre a escalada da abstração de Vilém Flusser e as pinturas rupestres da Serra da Capivara. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**. Vol. 11, n. 2, p.103-112, 2009. Disponível em: <http://www.fronteiras.unisinos.br/pdf/70.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2010.
- SOUZA, M. Os vieses dos vínculos humanos. In: **Comunicação**. Vol. 4. n. 1, p.173-174, 2004.
- VARELA, M. Vilém Flusser e a fenomenologia do pensamento brasileiro. **Revista Brasileira de Filosofia**. Vol. LI, nº 204, p. 415-444, 2001.